

29 de janeiro de 1958

Seminário da quarta-feira de 29 de janeiro de 1958

Estou lhes falando da metáfora paterna. Espero que se tenham apercebido de que estou falando do complexo de castração. É importante, porque não é porque eu falo da metáfora paterna que falo do Édipo. Se isso estivesse centrado sobre o Édipo, comportaria muitas perguntas. Não posso dizer tudo ao mesmo tempo.

O esquema que eu lhes trouxe, particularmente na última vez, como constituindo o que tentei fazer-lhes entender, sob o título dos três tempos do complexo de Édipo, é algo que, eu sublinho isso constantemente, é constituído em outro lugar que não na aventura do sujeito, a maneira pela qual o sujeito deve se introduzir neste algo que está constituído alhures e pelo qual podem se interessar, a títulos diversos, os psicólogos, isto é, aqueles que projetam as relações individuais naquilo que se chama o campo inter-humano, ou inter-psicológico ou social, onde as tensões de grupos podem tentar inscrever isso sobre seu esquema, se podem.

Da mesma forma, os sociólogos — eu insisti suficientemente sobre o fato que, mesmo eles, um dia deverão levar outra coisa em conta, especialmente as relações estruturais que, a este respeito, são nosso problema comum, pela simples razão que a própria existência social é a raiz última, pois ela é, socialmente, injustificável, quero dizer, a própria existência do complexo de Édipo não é fundável sobre nenhuma finalidade social. Mas quanto a nós, temos que ver como um sujeito deve se introduzir nesta relação que é a do complexo de Édipo.

Não fui eu que me apercebi, que inventei, que comecei a ensinar que ela não se introduz nele sem que ele desempenhe um papel de primeiro plano, o órgão sexual masculino, centro, pivô, objeto de tudo quanto se relaciona com esta ordem de acontecimentos, digamos, muito confusos, muito mal discernidos, que chamamos de complexo de castração. Todavia continua-se, nas observações ou alhures, a mencioná-lo, digamos, em termos que, estranhamente, não acarretam mais insatisfação naqueles que os ouvem ou os lêem.

Nesta espécie de fulminação psicanalítica, tento lhes dar uma letra que não se enevoe, quero dizer, tento distinguir, por meio de conceitos, os diferentes níveis daquilo de que se trata no complexo de castração: este complexo de castração que faremos intervir também ao nível de uma perversão que chamarei de primária, no plano imaginário, ou de uma perversão sobre a qual talvez falemos um pouco mais hoje, mas tão intimamente ligada à resolução do complexo de Édipo quanto a palavra sexualidade o é.

Para tentar entender, vou retomar, posto que é bastante novo, a maneira pela qual, na última vez, articulei o complexo de Édipo, tendo como centro este fenômeno ligado à função particular de objeto que o órgão masculino desempenha. Creio que devemos rever estes assuntos, para que fiquem bem claros; e, a este respeito, tentarei mostrar-lhes, conforme anunciei, como isto traz, pelo menos, alguma luz sobre fenômenos bem conhecidos, mas mal situados, da homossexualidade, por exemplo.

É preciso partir destes esquemas diretamente extraídos do sumo da experiência. A partir do momento em que vocês tentam fazer tempos, não são, forçosamente, tempos cronológicos, porém deve recorrer a eles, porque os tempos cronológicos também só podem decorrer numa certa sucessão.

29 de janeiro de 1958

Vocês têm, eu lhes disse, num primeiro tempo, a relação da criança, não, como se diz, com a mãe, mas com o desejo da mãe, desejo do desejo. Eu tive a oportunidade de me dar conta que esta não era uma fórmula tão usual assim e que várias pessoas tinham certa dificuldade para se habituar a esta noção, que desejar uma coisa é diferente de desejar o desejo do sujeito.

O que é preciso entender é que, evidentemente, este desejo desse desejo certamente implica que se lide com algo, com o primeiro objeto primordial, com efeito, a mãe. Quero dizer, que ela tenha sido constituída de maneira tal que o desejo fosse algo que pudesse ser, certamente, um outro desejo no desejo da criança, nomeadamente.

Onde se coloca a dialética desta primeira etapa? Onde vocês vêem que a criança está particularmente isolada, desprovida de qualquer outra coisa que não o desejo desse outro que ela já constituiu como sendo o outro, que pode estar presente ou ausente.

Tentemos hoje ver qual a relação com aquilo de que se trata. O que se introduz aí, isto é, o objeto do desejo da mãe, o que, em suma, deve ser transposto, é isto, algo que vamos chamar de *D*, isto é, o desejo da mãe, e tentemos ver como este desejo que a criança deseja, provisoriamente chamado de (*D*), vai poder alcançar este algo que está constituído ao nível da mãe de maneira infinitamente mais elaborada. A mãe está um pouco mais adiantada na existência que a criança, que é o objeto de seu desejo.

Este desejo, dissemos que, enquanto pivô de toda a dialética subjetiva, é o falo como sendo desejado pela mãe, o que supõe, por sinal, estados diferentes do ponto de vista da estrutura da relação da mãe com o falo, já que atrás deste falo, na medida em que para a mãe ele é um objeto ligado a um papel primordial na sua estruturação subjetiva, ele pode estar, e é isso o que fará toda a complicação, posteriormente, em diferentes estados enquanto objetos, mas por enquanto, basta que nós o tomemos.

Pensamos que podemos pôr ordem, isto é, numa perspectiva justa e normal tudo quanto é fenômeno analítico, que, partindo da estrutura do trânsito significante, tem sempre marcos estáveis e seguros, porque são marcos estruturais, relacionados com o que poderíamos chamar de as vias de construções significantes. É o que serve para nos conduzir e portanto não precisamos nos preocupar com o que este falo é para a mãe, a mãe atual num caso determinado. Talvez haja coisas aí, e trataremos delas, mas, observando nosso pequeno esquema habitual, este falo se situa aqui, é um objeto metonímico.

No significante, podemos nos contentar em situá-lo assim, é um objeto metonímico, essencialmente, nisto que ele é, de qualquer maneira, aquilo que devido à existência da cadeia significante, vai circular como o escravo de Jô, em todo lugar no significado. Ele é no significado o que resulta da existência do significante. Ele é a experiência. Ele nos mostra que este significado adquire um papel de destaque, e, de certa maneira, de objeto universal para o sujeito. É isto que é surpreendente, é isto que faz o escândalo daqueles que desejariam que a situação concernente ao objeto sexual fosse simétrica: da mesma forma que o homem deve descobrir e, depois, adaptar a uma série de aventuras, o uso de seu instrumento, assim deveria ser para a mulher, isto é, que fosse que está no centro de toda a dialética.

Não é assim, e é, precisamente isto o que a análise descobriu. Da mesma maneira podemos dizer que a melhor conclusão é que há um campo do homem que é o campo da análise, e que não é, simplesmente, o da descoberta de um desenvolvimento instintual mais ou

29 de janeiro de 1958

menos vigoroso, mas, no conjunto, sobreposto à anatomia, isto é, à existência real dos indivíduos.

Como podemos conceber que aquilo de que se trata é que a criança, que deseja ser o objeto do desejo de sua mãe, alcance a satisfação? Evidentemente, não há outro meio, a não ser vir no lugar desse objeto de seu desejo.

O que isso quer dizer? Eis a criança, que, repetidamente, representamos sob a forma deste esquema; a relação de sua demanda com este algo que não está somente nela, mas que é, em primeiro lugar, um encontro essencialmente em seu primeiro papel, isto é, a existência da articulação significativa como tal.

Aqui, ainda não há nada, pelo menos teoricamente. Quer dizer que a constituição do sujeito como *eu* [*jd*] — estou falando do discurso — ainda não está diferenciada forçosamente, ela já está implicada desde a primeira modulação significativa. O *eu* [*jd*] não está obrigado a se designar como tal no discurso, para ser o suporte deste discurso. Numa interjeição, numa ordem: *venha, vaa* há um *eu* [*jd*], mesmo se latente, É o que exprimiremos aqui colocando, simplesmente, uma linha pontilhada. Da mesma maneira que para a criança, o objeto metonímico ainda não está constituído.

Aqui está o desejo esperado da mãe, e aí o que vai ser o resultado deste encontro do apelo da criança com a existência da mãe como Outro, isto é, uma mensagem.

É claro que, para que a criança consiga isto, coincidir com o objeto do desejo da mãe, isto é, algo que já podemos neste nível representar como o que está imediatamente a seu alcance, o que deve ser alcançado com aquilo que é o além da mãe. Aqui, vamos colocar pontilhado, mas por outra razão: é que a criança não pode ter acesso a isso, isso é totalmente inacessível para ela.

É preciso e suficiente que este *eu* [*jd*], no discurso da criança, venha aqui se constituir ao nível deste Outro que a mãe é, que este *eu* [*jd*] se torne o Outro da criança, e que o que circula aqui ao nível da mãe, na medida em que ela mesma articula o objeto de seu desejo, venha aqui desempenhar seu papel de mensagem para a criança. Isto quer dizer, em suma, que a criança renuncia, momentaneamente, a tudo quanto seja sua própria palavra, sem dificuldade. Porque sua própria palavra, neste momento, ainda está em formação, porque, na verdade, a criança recebe sob forma de uma mensagem que se produz aqui, que é a mensagem toda bruta do desejo da mãe. Recebe aqui, no nível metonímico em relação àquilo que a mãe diz, absolutamente. Recebe no nível metonímico sua identificação ao objeto da mãe.

Isto é extremamente teórico, mas se não for assim no início, será totalmente impossível conceber o que deve ocorrer em seguida, isto é, precisamente, a entrada em jogo, a introdução deste além da mãe, que está constituído por sua relação com outro discurso que deve ser, na ocasião, o do pai.

Portanto, é na medida em que a criança assume, e ela deve assumir, mas ela não o assume, por outro lado, senão de maneira de algum modo bruta na realidade deste discurso, assume primeiro o desejo da mãe - ela está aberta a isto - que ela pode se tornar ela, senhora no lugar da metonímia da mãe, isto é, se tornar o que chamei noutro dia de *assujeta*

Vocês viram, de certa forma, em que deslocamento isto está fundamentado, precisamente neste algo que chamaremos nesta ocasião de identificação primitiva, e que consiste,

29 de janeiro de 1958

justamente, nesta espécie de troca que faz com que o *eu* [jê] do sujeito tenha vindo no lugar da mãe enquanto Outro, ao mesmo tempo em que o *eu* [jê] da mãe¹ se tornou seu outro.

É justamente o que aconteceu nesta espécie de subida de um degrau na pequena escala de nosso esquema, que acaba de ocorrer neste segundo tempo.

O ponto central, o ponto pivô, ponto mediador, ou mais exatamente o momento em que o pai aparece como mediado pela mãe no complexo de Édipo, é precisamente aquele em que se faz sentir como interditor. Eu disse que aí ele está mediado; ele é mediado porque é na qualidade de interditor que ele vai aparecer. Onde? No discurso da mãe.

Aqui uma ressalva: da mesma forma que anteriormente o discurso da mãe estava apreendido em estado bruto nesta primeira etapa do complexo de Édipo, dizer aqui que ele está mediado não significa que façamos novamente intervir o que o próprio sujeito da mãe faz com a palavra do pai, isto significa que esta palavra do pai intervém efetivamente no que resulta sob a forma do discurso da mãe. Ele aparece naquele momento, então, menos velado que na primeira etapa, mas ele não está completamente revelado. É isso que, na ocasião, significa o termo mediado.

Em outras palavras, nesta etapa, ele intervém a título de mensagem para a mãe, ele, à palavra aqui, e o que ele diz é uma interdição, um *não* [ne pas] que se transmite ao nível em que a criança recebe a mensagem esperada da mãe. É uma mensagem sobre uma mensagem, e a respeito desta forma de mensagem vou lhes dizer uma grande surpresa, que os lingüistas não distinguem como tal, o que mostra o interesse que há de desempenharmos nossa função junto com os lingüistas; mensagem sobre a mensagem é a interdição. Não é simplesmente para a criança, e já nesta época, *não deitarás com tua mãe*, vale também para a mãe: *não reintegrarás todas as formas bem conhecidas do que se chama o instinto materno*, que encontra aqui um obstáculo; *não reintegrarás teu produto*. Todo mundo sabe que a forma primitiva do instinto materno se manifesta em certos animais, talvez mais ainda nos homens, reintegrando, como o dizemos elegantemente, oralmente, aquilo que saiu por outro lado.

É muito precisamente disso que se trata. Esta interdição chega aqui como tal, como também se pode dizer aqui que algo se manifesta, que é precisamente o pai enquanto Outro, e em princípio é daí que existe a potencialidade, a virtualidade afinal salutar, que resulta do fato que a criança está profundamente abalada, questionada em sua posição de *assujeito*. Em outras palavras, é na medida em que o desejo da mãe está questionado pela interdição paterna que a interdição paterna impede que o círculo se feche completamente sobre ela, isto é, que ela se torne pura e simplesmente objeto do desejo da mãe. Todo o processo, que normalmente deveria parar aqui, isto é, que a relação simbólica ao Outro já sendo esta triplicidade implícita, que existe na relação da criança com a mãe, já que quem deseja não é ela, mas sim seu desejo. Já existe esta ternaridade. Já é uma relação simbólica. Todavia, tudo está novamente questionado, do desejo deste desejo, a partir do momento em que seu primeiro sucesso, isto é, a descoberta do objeto do desejo da mãe é eliminado totalmente pela interdição do pai, e deixa frustrado o desejo do desejo da mãe na criança.

Esta segunda etapa, um pouco menos feita de potencialidade que a primeira, perfeitamente sensível e perceptível, mas essencialmente instantânea, por assim dizer, transitória, é porém capital, pois afinal ela é o coração do que podemos chamar o momento privativo do

¹ Há aqui um jogo de palavras possível entre *le jeu du sujet*, o eu do sujeito, e o *le jeu de la mère*, o eu da mãe, ou: o jogo da mãe.

29 de janeiro de 1958

complexo de Édipo. É na medida em que a própria criança é flagrada - e para seu maior bem - que esta posição ideal, com a qual ela e a mãe poderiam se satisfazer, que eles desempenham esta função de seu objeto metonímico. É na medida em que a criança está aí, flagrada, que pode se estabelecer a terceira dimensão, a etapa seguinte, a fecunda, em que ela se torna outra coisa. Ela se torna esta outra coisa da qual lhes falei na última vez, aquela que comporta a identificação com o pai e a título virtual, isto é, o que o pai possui.

Se, na última vez, lhes fiz uma espécie de descrição rápida dos três tempos do Édipo, foi para não precisar recomeçar hoje, ou, mais exatamente, para ter o tempo de retomá-la hoje, passo a passo.

Detenhamo-nos aí um instante e em seguida chegaremos à homossexualidade. É quase um parêntese, todavia é importante.

A maneira pela qual o pai intervém na dialética é extremamente importante a ser considerada, porque é aí — e vocês poderão entender melhor no último artigo que entreguei para o próximo número de *La Psychanalyse*, que traz um resumo daquilo que eu disse no ano em que nós falamos das *estruturas freudianas das psicoses*. O nível de publicação que isso representa não me possibilitou fornecer aquele esquema, o que teria exigido explicações demais neste artigo, mas quando o tiverem lido, espero que seja em breve, poderão retomar em suas anotações o que vou mostrar agora e que consiste nisto, que na medida em que o nome-do-pai, o pai, o pai como função simbólica, o pai ao nível do que ocorre aqui entre mensagem e código e entre código e mensagem, é precisamente *Verworfen*, é que nem sequer há aqui o que representei com pontilhados, isto é, aquilo por meio de que o pai intervém na qualidade de Lei, mas de maneira pura e simples, bruta, na qualidade de mensagem do *não* [ne pas] sobre a mensagem da mãe à criança, e na qualidade de toda bruta também, fonte de um código que está além da mãe, que, sobre este esquema de condução dos significantes, vocês podem ver sensível e perfeitamente visível isto que acontece quando, por ter sido solicitado numa virada vital essencial, para fazer responder o nome-do-pai em seu lugar, isto é, lá onde ela não pode responder porque ela nunca veio aí. O Presidente Schreber vê precisamente surgir, em vez disso, esta estrutura realizada pela intervenção massiva, real, do pai além da mãe, mas não absolutamente suportada por ele na qualidade de infringidor da Lei, que faz com que o Presidente Schreber ouça, no ponto maior, fecundo de sua psicose, o quê? Muito exatamente as duas espécies de alucinações que, evidentemente, nunca estão destacadas como tais nos manuais clássicos.

Para entender alguma coisa da alucinação, é preferível ler a obra, sem dúvida notável, e excepcional, de um psicótico como o Presidente Schreber, a ler todos os melhores autores psiquiatras que estudaram o problema da alucinação, com, já toda prontinha em seu bolso, a famosa escala escolar aprendida na classe de filosofia: sensação, percepção, percepção sem objeto e outras asneiras, enquanto que o próprio Presidente Schreber distingue muito bem duas espécies de coisas: as vozes que falam na língua fundamental, cuja característica principal é que elas ensinam, pela própria palavra, seu código ao sujeito, ao falarem esta língua fundamental. Isto é, tudo quanto concerne às mensagens, tudo quanto pertence a elas, que ele recebe na língua fundamental, está ao mesmo tempo feito de palavras que, neológicas ou não — o são à sua maneira — consistem em ensinar ao sujeito o que elas são num novo código, aquele que repete para ele literalmente um novo mundo, um universo significante.

Em outras palavras, há uma série de alucinações que são mensagens sobre um novo código, logo, algo que se apresenta como vindo do Outro. É o que há de mais terrivelmente

29 de janeiro de 1958

alucinatório e sob forma de mensagem sobre o código constituído como tal neste Outro, e, por outro lado, outra forma de mensagem que se apresenta essencialmente como mensagens interrompidas. Vocês recordam estes pequenos pedaços de frase: *de dar nomeadamente ..., agora eu quero..* São começos de ordens, na verdade, e, em certos casos, até verdadeiros princípios: *terminar uma coisa quando começada*, e assim por diante. Em resumo, estas mensagens, que se apresentam essencialmente como puras mensagens, ordens ou ordens interrompidas, como puras forças de indução no sujeito e perfeitamente localizáveis dos dois lados dissociados, mensagem e código, onde a intervenção do discurso do pai se resolve quando este algo está abolido desde a origem e nunca foi de maneira alguma integrado na vida do sujeito, que é precisamente o que faz a coerência, a auto-sanção do discurso do pai, isto é, a razão pela qual, tendo terminado seu discurso, ele volta sobre si, sanciona como Lei.

Para a etapa seguinte, que supõe que, em condições normais, o pai possa entrar em jogo, dissemos na última vez de que se tratava, isto é, é na medida em que o pai vai intervir para dar, na medida em que ele o tem, aquilo que está em causa na privação fálica que interveio como termo central da evolução do Édipo, dos três tempos do Édipo. É na medida em que ele vai aparecer efetivamente como ato de dom, não mais nos atos da mãe, logo, ainda meio velados, mas sim no discurso. A própria mãe, na medida em que a mensagem do pai se torna a mensagem da mãe, se torna a mensagem que permite e que autoriza, que vai produzir este algo que mostra claramente que meu esquema da última vez não significa nada mais do que isto, que na medida em que a mensagem se encarna como tal, ele pode produzir algo que é a subida de um degrau no esquema, isto é, que o sujeito pode receber da mensagem do pai o que ele tentou da mensagem da mãe. Mas aí, por intermédio do dom ou da permissão dada à mãe, isto é, o que afinal ela tem, e isso está efetivamente realizado pela fase do declínio do Édipo, o que ele tem é que lhe é permitido ter um pênis para mais tarde.

É verdadeiramente, nós o dissemos na última vez, o título no bolso. É também, para evocar uma citação histórica e divertida. Para ter certeza que ela era fiel, um marido tinha dado à sua mulher um certificado, por escrito, de fidelidade. Em seguida, ela tinha espalhado pelo mundo dizendo: *Ah, o belo bilhete que La Châtre tem!* Pois este La Châtre [*castrad*] e nosso pequeno castrado são bem da mesma ordem, eles têm também no fim do Édipo este belo bilhete, que não é um nada, posto que sobre este belo bilhete é que será fundamentado, mais tarde, o fato que ele poderá tranquilamente ter certeza de possuir um pênis, no caso mais feliz, isto é, em outras palavras, de ser alguém idêntico ao seu pai.

Mas é precisamente nesta etapa, em suma ambígua, da qual vocês vêem que as duas vertentes de alguma forma são sempre suscetíveis de se verterem uma na outra, que há algo de alguma forma abstrato, porém dialético, nesta relação que existe entre os dois tempos de que acabei de falar, aquele em que o pai aparece como interditor, como privador, e aquele outro em que ele aparece como permissivo e doador, mas doador ao nível da mãe. Ele pode dispensar outras coisas.

Para vermos o que pode ocorrer, devemos nos colocar agora ao nível da mãe. Devemos recolocar esta questão do paradoxo que representa este caráter central do objeto fálico, do objeto imaginário como tal. A mãe é uma mulher que, supomos, alcançou a plenitude de suas capacidades de voracidade feminina, e está bem claro que a objeção feita, de modo perfeitamente justificado, a esta função imaginária do falo, é à mãe, e isto — mas o falo não é pura e simplesmente isso, este belo objeto imaginário — já faz algum tempo que ela o papou; em outras palavras, que o falo ao nível da mãe não é somente um objeto fálico, ele é

29 de janeiro de 1958

perfeitamente bem algo que cumpriu sua função então ao nível instintual, ao nível de sua função normal do instinto. Se ele é, em outras palavras, considerável pela mãe como o *injetô*², se assim posso dizer, com uma palavra que não significa simplesmente que ele está sendo introduzido, mas que este *in* assinala também a relação deste objeto com sua função a nível instintual. É um objeto que tem sua função instintual.

É porque o homem deve atravessar toda a floresta do significante para alcançar estes objetos instintivamente válidos e primitivos que lidamos com toda esta dialética do complexo de Édipo. Entretanto, às vezes ele os alcança, graças a Deus! Caso contrário, há muito que as coisas teriam terminado, por falta de combatentes, haja visto a dificuldade excessiva de alcançar o objeto real.

Isto é uma das possibilidades por parte da mãe. Para poder distinguir as outras, seria necessário tentar ver o que, para ela, significa este algo que consiste então em sua relação com o falo, na medida em que este, para ela como para todo e qualquer sujeito humano, é o que menos sai do pensamento.

Podemos aqui mui facilmente distinguir, ao lado desta função de *injetô* a de *adjetô*³, isto é, a pertença imaginária de algo que lhe está ou não concedido como tendo a permissão de desejá-lo como tal ao nível onde chegamos, isto é, como algo que, ao nível imaginário lhe está dado ou não lhe está dado, lhe faz falta, e então, intervindo como fazendo falta, como algo de que ela foi privada, como o objeto deste pênis-*neid* desta privação sempre sentida, cuja incidência na psicologia feminina nós conhecemos, ou pelo contrário, como este algo que, então e porém, lhe está dado de lá onde ele está e vocês vêem perfeitamente que é outra coisa, que é outra função, ainda que possa se confundir com a do *injetô* primitivo de que se trata e que pode por si só entrar em jogo de maneira, por assim dizer, muito simbólica, e na medida em que a mulher como tal, se ela tem todas as dificuldades que comporta o fato de ver se introduzir na dialética do símbolo para conseguir se interessar pela família humana, tem, por outro lado, todos os acessos - isto é absolutamente certo - a este algo primitivo e instintual que a estabelece numa relação direta com o que é o objeto, não mais de seu desejo, mas de sua necessidade.

Isto bem elucidado, falemos dos homossexuais.

Fala-se dos homossexuais. Tratam-se os homossexuais. Os homossexuais não se curam, e o que é mais formidável, é que não se curam, apesar de serem curáveis. Pois algo se destaca da maneira mais clara das observações: é que aquilo que se chama de homossexualidade masculina é, propriamente, uma inversão quanto ao objeto que se motiva, que se estrutura ao nível de um Édipo pleno e resolvido, isto é, de um Édipo que alcançou esta terceira etapa de que acabamos de falar, ou, mais exatamente, algo que, nesta terceira etapa, enquanto a realiza, a modifica bastante sensivelmente para que se possa dizer que o homossexual masculino — o outro também, mas hoje nos limitaremos ao masculino, por motivo de clareza — o homossexual masculino realizou plenamente seu Édipo, e vocês me dirão que bem o sabiam. Ele o realizou sob uma forma invertida. Se basta para vocês dizê-lo desta forma, podem muito bem parar aqui, não os obrigo a me seguir, mas considero que temos o direito de ter exigências maiores, aquelas que consistem em dizer porque sua filha é muda, é porque o Édipo está invertido.

² *L'injet* no original.

³ *D'ajet* na transcrição.

29 de janeiro de 1958

Devemos procurar na própria estrutura daquilo que a clínica mostra a respeito dos homossexuais, se não podemos entender muito melhor em que ponto preciso esta resolução do Édipo se situa:

1º) Sua posição com todas as suas características;

2º) O fato que ele faça muita questão desta posição, no sentido em que o homossexual, por pouco que se lhe ofereça a possibilidade e a facilidade, faz muita questão de sua posição de homossexual, que suas relações com o objeto feminino estejam longe de serem abolidas, mas pelo contrário muito profundamente estruturadas.

É precisamente esta dificuldade de abalamento de sua posição, mas ainda mais a razão pela qual a análise geralmente fracassa, então desalojada, não por causa de uma impossibilidade interna à sua posição, mas pelo fato precisamente que todas as espécies de condições são exigíveis, de caminhar pelas voltas por onde sua posição se tornou essencialmente preciosa para ela, e primordial, que eu creio que somente esta concepção e esta maneira de esquematizar o problema permitem ter êxito.

Há um certo número de traços que se podem ver no homossexual. Já foi dito: primeiro, uma profunda e perpétua relação com a mãe. Segundo a média dos casos, a mãe está sendo qualificada como alguém que, no complexo parental, tem uma função diretriz, uma função eminente, que cuidou mais da criança que o pai. Isso já é outra coisa; que, dizem, teria cuidado da criança de maneira muito castradora, que teria cuidado demais e demasiadamente, minuciosamente, por tempo longo demais, de sua educação.

Parecem não verificar que em tudo aquilo, nem tudo vai no mesmo sentido. É preciso acrescentar alguns pequenos elos suplementares, para pensar que o efeito de uma intervenção tão castradora, por exemplo, na criança seria esta supervalorização do objeto, especialmente sob esta forma geral na qual ele se apresenta, que nenhum parceiro suscetível de interessá-lo poderia ser privado dele.

Não quero abusar de sua paciência nem parecer fazer adivinhações. Creio que a chave do problema concernente ao homossexual é esta: sendo o homossexual homossexual, isto é, em todas suas nuances, outorga este valor ao objeto predileto, faz dele uma característica absolutamente exigível do parceiro sexual, na medida em que, sob uma forma qualquer, é a mãe quem, no sentido que lhes ensinei a distingui-lo, faz a Lei do pai. Eu disse que o pai intervinha nesta dialética do desejo do Édipo, na medida em que o pai faz a lei à mãe. Aqui, alguma coisa que pode ser de diversas formas se resume sempre a isto: que é a mãe quem, num momento decisivo, fez a lei ao pai.

Isso significa o quê? Vocês vão ver, isso significa precisamente isto: que quando da intervenção do pai deveria ter ocorrido a fase de dissolução concernente à relação do sujeito com o objeto do desejo da mãe, isto é, o fato que para ele a possibilidade de se identificar com o falo passou por completo, cortada na raiz pela intervenção interdutora do pai; naquele momento o suporte está na estrutura da mãe, que ele encontra o reforço, o algo que faz com que esta crise não passe; isto é, se quiserem, que no momento ideal, no tempo dialético em que a mãe deveria ser entendida como privada deste *objeto* como tal, isto é, quando o sujeito não sabe mais a que santo recorrer, naquele momento ele encontra sua segurança.

29 de janeiro de 1958

Isto faz sentido, pelo fato que ele entende que efetivamente a mãe é a chave da situação, e que ela não se deixa privar nem desapossar.

Em outras palavras, isso significa que o pai pode dizer o que quiser. Por uma razão qualquer isso não fará para eles nenhuma diferença.

Mas isso não quer dizer que o pai não tenha entrado no jogo. Há muito tempo, peço que releiam os *Três Ensaios sobre a Sexualidade*. Freud disse: não é raro, e quando diz não é raro, ele não se exprime levianamente, não é porque ele é mole, que ele diz que não é raro, é porque ele o constatou freqüentemente. Digamos, pois: é freqüente, é uma das possibilidades, que uma inversão seja determinada pela queda de um pai interditor demais. Há nisso os dois tempos:

- 1º) a interdição, mas também,
- 2º) que esta interdição fracassou, em outras palavras, que é a mãe quem, finalmente, aí, fez a lei.

Isto explica também que em todo e qualquer caso, a marca deste pai interditor está quebrada, que o resultado é exatamente o mesmo, e especialmente que, em casos em que o pai ama demasiadamente a mãe, em que ele, pelo seu amor, apareça como dependente demais da mãe, o resultado é o mesmo.

Eu não estou dizendo que o resultado é sempre o mesmo, mas sim, que em certos casos ele é o mesmo. Trata-se, não de diferenciar o que ocorre quando, pelo fato de o pai amar demais a mãe, ocorre outra coisa que não a homossexualidade. Faço simplesmente ressaltar, de passagem, que não me refugio na constituição para esta ocasião, porque há diferenças que devem ser estabelecidas, por exemplo sobre um efeito do tipo neurose obsessiva e veremos isso em outra ocasião, mas por enquanto quero simplesmente agrupar causas diferentes que podem surtir um efeito comum, isto é, que nos casos em que o pai ama demais a mãe ele se encontra de fato na mesma posição daquele a quem a mãe faz a lei.

Há ainda casos, e aqui está o interesse de tomar esta perspectiva, examinar como isso pode agrupar casos diferentes, casos em que o pai, o sujeito testemunha, sempre ficou como um personagem distante, cujas mensagens não chegavam senão por intermédio da mãe. É isto que o sujeito testemunha.

Mas na realidade a análise mostra que ele está longe de estar ausente, isto é, que particularmente atrás da relação tensional, mui freqüentemente marcada por toda sorte de acusações de queixas, de manifestações agressivas, como se diz, concernentes à mãe, que constituem o texto da análise de um homossexual, se apercebe que a presença do pai na qualidade de rival, isto é, no sentido, não do Édipo invertido, mas do Édipo normal, se descobre, da maneira mais clara, e neste caso contentam-se em dizer que a agressividade contra o pai ficou transferida para a mãe.

Não temos algo bem claro, porém temos pelo menos algo que tem a vantagem de corresponder aos fatos. Trata-se de saber porque é assim.

É assim porque na posição crítica na qual o pai efetivamente tem sido uma ameaça para a criança, a criança encontrou sua solução. Contudo, notem que sobre este esquema, ela aparece como sendo a mesma daquela que consiste na identificação representada pela homologia, pela semelhança de ambos os triângulos. Ela considerou que a ameaça de

29 de janeiro de 1958

resistir, porque era a boa, era identificar-se com a mãe. É, pois, por se encontrar na posição da mãe, mas assim definida, que ela vai se encontrar, por um lado, na medida em que se dirige a um parceiro que então é o substituto do personagem paterno, isto é, como aparece freqüentemente nos fantasmas, nos sonhos dos homossexuais, que a relação com ele vai consistir em desarmá-lo, domá-lo, e até de maneira perfeitamente clara em certos homossexuais, em torná-lo incapaz, ele, o personagem substituto do pai, de se fazer valer diante de uma mulher ou das mulheres.

Por outro lado, esta fase em que a exigência do homossexual tem, de encontrar em seu parceiro o órgão peniano, corresponde bem a isto, que na posição primitiva, aquela que a mãe ocupa, ela faz a lei ao pai. O que justamente fica questionado, não resolvido, mas questionado, é de se saber se verdadeiramente o pai o tem ou não, e é precisamente isso que o homossexual pergunta a seu parceiro, muito antes de qualquer outra coisa, e de maneira prevacente em relação a outra coisa. Isto, antes de mais nada; depois veremos o que fazer, mas antes, ver se ele o tem.

Irei até mais longe. Irei até lhes mostrar que o valor de dependência que para a criança representa o amor excessivo do pai para a mãe consiste precisamente nisto, que vocês podem recordar e que espero, recordem - escolhido especialmente para vocês - é que amar, é sempre dar o que não se tem, e não, dar o que se tem. Não voltarei sobre as razões pelas quais lhes dei esta fórmula mas tenham certeza disso e considerem-na como uma fórmula-chave, como um pequeno corrimão que, quando tocarem-no com a mão, os levará, mesmo se não entenderem nada, e é melhor que não entendam nada, os levará ao pavimento certo: amar é dar a alguém que tem ou não tem aquilo que está em causa, mas seguramente dar aquilo que não se tem. Dar, todavia, é também dar, mas é dar aquilo o que se tem. Isso faz a diferença.

Em todo caso, é na medida em que o pai mostra que ama verdadeiramente a mãe que ele fica suspeito de ser suspeito de não o possuir e é sob este ângulo que o mecanismo entra em jogo. Aliás é por isso que faço essa ressalva, as verdades não são nunca obscuras nem desconhecidas quando não estão articuladas; elas estão pelo menos pressentidas. Eu não sei até que ponto vocês verificaram que este brilhante tema nunca é abordado pelos analistas, apesar de ser no mínimo tão interessante saber se o pai amava a mãe quanto saber se a mãe amava o pai. Fazem sempre a pergunta neste sentido: a criança teve uma mãe fálica, castradora, tudo quanto quiserem, e tinha para com o pai uma atitude autoritária: falta de amor, de respeito, etc. Mas é interessante verificar que nunca se fala da relação do pai com a mãe. É precisamente na medida em que não sabemos muito bem o que pensar a respeito e em que, em suma, não podemos dizer nada muito normativo sobre o assunto. Portanto deixemos bem cuidadosamente de lado, pelo menos até agora, este aspecto do problema. Muito provavelmente precisarei voltar a ele.

Outra consequência: uma coisa aparece muito freqüentemente e que não é um dos menores paradoxos da análise dos homossexuais, é algo que, à primeira vista, parece muito paradoxal em relação a esta exigência do pênis no parceiro, aparece da maneira mais clara, que há uma coisa da qual eles têm pavor, e se diz que é ver o órgão da mulher, porque isso lhes sugere idéias de castração. Talvez seja verdade, mas não da maneira que se pensa, porque o que os detém na presença do órgão da mulher é precisamente que ele é considerado em muitos casos — isso se encontra — como tendo ingerido o falo do pai; que o que é temido na penetração é justamente o encontro com este falo.

29 de janeiro de 1958

Há sonhos, citarei alguns, perfeitamente registrados na literatura e também em minha prática, onde aparece da maneira mais clara que, na curva onde é possível articular aquilo que concerne à relação com a mulher, o que emerge na ocasião de um possível encontro com uma vagina feminina é precisamente um falo que se desenvolve, em suma, como tal e que representa este algo intransponível diante do qual o sujeito nem somente deve se deter, mas também encontrar todos os temores, e que confere ao perigo da vagina um sentido todo diferente que não aquele que pensaram classificar na rubrica da vagina dentada, que existe também, mas que, à vista da vagina, na medida em que ela contém o falo hostil, o falo paterno, o falo ao mesmo tempo fantasmático, presente e absorvido pela mãe, do qual a própria mãe detém a verdadeira potência, que está aqui, presente no órgão feminino, precisamente; isto articulando suficientemente toda a complexidade das relações do homossexual com os diferentes termos que de alguma maneira e é precisamente porque esta é, se assim se pode dizer, uma situação estável, nem de tudo dual, uma situação cheia de segurança, uma situação com três pernas, que ela nunca está sendo considerada, que, sustentada, por assim dizer, sob o aspecto de uma relação dual, nunca no labirinto das posições do homossexual, e, conseqüentemente, por culpa do analista, a situação nunca chega a ser inteiramente elucidada.

Em outras palavras, é por desconhecer que a situação, evidentemente mesmo tendo as mais estreitas relações com a mãe, não tem importância senão em relação ao pai à maneira daquilo que deveria ser a mensagem da lei, mas é exatamente o contrário, isto é, este algo que, ingerido ou não, está afinal, nas mãos da mãe, cuja chave a mãe tem, mas de maneira, vocês vêem, muito mais complexa, provida de um falo, que o homossexual se encontra identificado com a mãe absolutamente não na medida em que ela é pura e simplesmente este algo que possui ou não *adjetiva* mas alguém que detém as chaves desta situação particular que é aquela que se encontra na saída do Édipo, isto é, o ponto onde se decide qual dos dois, afinal de contas, detém a potência, não qualquer potência, mas a potência, precisamente, da mãe, e na medida em que os complexos elos da edificação do Édipo, tais como lhes estão apresentados aqui, lhes permitem entender como esta relação com a potência da Lei corresponde, ressoa metaforicamente com a relação com o objeto fantasmático que o falo está na qualidade de objeto com o qual deve se fazer, em algum momento, a identificação do sujeito como tal.

Na próxima vez prosseguirei sobre algo que se impõe aqui como um pequeno adendo, a saber, os comentários sobre o que foi chamado os estados de passividade do falo, o termo é de Loewenstein, para explicar certos distúrbios da potência sexual. Isto se insere aqui muito naturalmente, para que eu não o faça.

Em seguida, retomarei de uma maneira geral, como podemos, através destes diferentes avatares do mesmo objeto, desde o princípio, isto é, sua formação como objeto imaginário da mãe, até o momento em que é assumido pelo sujeito, como podemos esboçar a classificação definitiva das diferentes formas onde ele intervém. É o que faremos na próxima vez, isto é, dia cinco do mês seguinte.

E na vez seguinte, isto é, dia doze, após o que os deixarei por quinze dias, concluiremos com isso que concernirá propriamente então, de uma maneira que os interesse talvez menos diretamente, mas da qual faço questão, à relação do sujeito com o falo. Terminei meu último trimestre com o que lhes trouxe concernente à comédia. Isso não foi muito bem digerido quando lhes disse; era quando o sujeito retomava todo o assunto dialético em mão e dizia: afinal, toda esta coisa dramática, a tragédia, os conflitos entre o pai e a mãe, tudo isso não vale o amor, divirtamo-nos, entremos na orgia, façamos cessar todos estes

29 de janeiro de 1958

conflitos. Afinal, tudo isto é feito para o homem, para o sujeito. Fiquei muito surpreso ao flagrar algumas pessoas que se escandalizaram. Vou lhes fazer uma confidência: isto está em Hegel.

Por outro lado, o que poderia trazer como novidade, e que me parece muito mais demonstrativo que tudo quanto pôde ser elaborado pelos diversos fenômenos do espírito, é que ao tomarmos este caminho, reencontramos uma surpreendente demonstração daquilo que estamos adiantando, isto é, o caráter crucial para o sujeito e para seu desenvolvimento, da identificação imaginária com o falo, e é aí, pois, no último dia do período, que lhes marco um encontro, para lhes mostrar até que ponto isso se aplica, até que ponto isso é demonstrativo, até que ponto isso é sensacional para dar uma chave, um termo único, uma explicação unívoca à função da comédia.